

Guerras culturais no *YouTube*: reflexões sobre a Universidade

Anderson Alves da Rocha e Priscila
Kalinke da Silva

Anderson Alves da Rocha

Universidade do Estado de Minas Gerais – Frutal, MG,
Brasil

E-mail: anderson.alves.rocha@uemg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8999-5769>

Priscila Kalinke da Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais – Frutal, MG,
Brasil

E-mail: priscila.kalinke@uemg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1621-405X>

Resumo: Esta pesquisa tem por finalidade investigar vídeos do *YouTube* que mencionam o papel da universidade na perspectiva de seis canais de produtores de conteúdo brasileiros de esquerda e de direita, visando a identificar diferentes sentidos e sua relação com o conceito e debate das guerras culturais. Quanto aos procedimentos teórico-metodológicos, foram tecidas relações entre a interface comunicação (Braga, 2001) e as guerras culturais (Hunter, 1999; Hartman, 2019), das quais foram aprofundadas e mais bem examinadas a partir do estudo aplicado no *YouTube* mediante a Análise de Redes Sociais. Para a coleta dos dados, foram utilizadas as ferramentas do *YouTube Data Tools*, cujos dados foram submetidos ao *software Gephi* para visualização dos dados em rede e elaboração de nuvem de palavras. A análise desenvolveu-se a partir destes resultados, comparando os sentidos atribuídos à universidade nos canais de direita e de esquerda e suas relações com as guerras culturais.

Palavras-chave: Guerras culturais; Universidade; Análise de Redes Sociais.

Artigo recebido em 07 de janeiro de 2025 e aprovado para publicação em 07 de abril de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.2025.17.41.10161>

Cultural wars on YouTube: reflections on the University

Abstract: This research aims to investigate YouTube videos that mention the role of the university from the perspective of six Brazilian content creators' channels, both from the left and the right wings, in order to identify different meanings and their relationship with the concept and debate of cultural wars. Regarding the theoretical and methodological procedures, connections were established between the communication interface (Braga, 2001) and the cultural wars (Hunter, 1999; Hartman, 2019), which were further explored and examined through a study applied to YouTube using Social Network Analysis. For data collection, the YouTube Data Tools were used, and the data were processed through the Gephi software for network data visualization and word cloud generation. The analysis was developed based on these results, comparing the meanings attributed to the university in right-wing and left-wing channels and their relations with the cultural wars.

Keywords: Cultural wars; University; Social Network Analysis.

Guerras culturales en *YouTube*: reflexiones sobre la Universidad

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo investigar videos de *YouTube* que mencionan el papel de la universidad desde la perspectiva de seis canales de creadores de contenidos brasileños de izquierda y derecha, identificando diferentes sentidos y su relación con el concepto y debate sobre las guerras culturales. En cuanto a los procedimientos teórico-metodológicos, se tejieron relaciones entre la interfaz de comunicación (Braga, 2001) y las guerras culturales (Hunter, 1999; Hartman, 2019) que fueron profundizadas y mejor examinadas a partir del estudio aplicado en *YouTube* a través del Análisis de Redes Sociales. Para la recopilación de datos, se utilizó *YouTube Data Tools*, cuyos datos fueron procesados en el *software Gephi* para la visualización de los datos en red y la elaboración de una nube de palabras. El análisis se desarrolló a partir de estos resultados, comparando los significados atribuidos a la universidad en canales de derecha e izquierda y sus relaciones con las guerras culturales.

Palabras clave: Guerras culturales; Universidad; Análisis de Redes Sociales.

Introdução

A mídia é criadora de realidades e auxilia os consumidores a entenderem e representarem o mundo. Assim, é importante perceber como os discursos que emergem da mídia chegam até os interlocutores e são debatidos, colaboram para ressignificar conceitos e práticas culturais, que estão em movimento e pressionam o sistema produtivo, num jogo de forças sociais (Curran, 1998). Na cultura da conexão (Jenkins; Green; Ford, 2014), essa circulação se propaga em proporções ainda maiores.

Esse jogo de forças também se manifesta no âmbito das guerras culturais: tema amplamente debatido por pesquisadores de diversas áreas, tanto no contexto local quanto no global. Na verdade, o conceito de guerras culturais foi apresentado, sistematicamente, por James Hunter, na obra intitulada *“Culture wars: the struggle to define America”*, publicado em 1991, cujo principal significado se volta aos conflitos morais existentes na sociedade (Hunter, 1991). Tomando como referência o discurso de Buchanan, político conservador estadunidense, na convenção republicana de 1992, Hartman (2019) relaciona as guerras culturais com as críticas tecidas na ocasião às diversas pautas progressistas, a saber: aborto, feminismo, gênero, multiculturalismo, educação sexual, entre outros. Aliás, o próprio discurso do político ficou conhecido como “Discurso da guerra cultural” (Melo; Vaz, 2021, p. 7).

A evidente multiplicidade de temas não impede haver ao menos dois elementos em comum. O primeiro diz respeito à forma do processo pelo qual se estabelece este tipo de conflito. Inicialmente, ocorre uma mudança moral de amplo alcance, que dá expressão ao direito dos indivíduos e de minorias; surge, porém, quase que em simultâneo, uma reação conservadora organizada. A segunda característica marca o vínculo do conceito, na sua forma inicial, com a história política e cultural estadunidense. Dados o poder de mobilização política e a força da religião na constituição da moralidade nos Estados Unidos, Hunter caracteriza a mudança como um processo de secularização. Por essa razão, ele supõe que o conflito em torno do direito ao aborto seria o protótipo das guerras culturais.

Temas nominados como “morais” definem a pauta do debate político, na medida em que ampliam a distância entre os campos e consolidando formas de pensar: “O debate clássico que opunha liberais e socialistas tinha um fundamento comum de valores que foi erodido pela cisão em visões morais de mundo incomensuráveis” (Gallego; Ortellado; Moretto, 2017, p. 39). No ambiente de guerras culturais, a preferência pelo debate dos costumes se sobrepõe a temas clássicos da política, como economia, saúde, educação e segurança, de modo que, quando são pautados, os debates acabam atravessados pela avaliação moral:

Dentro e fora da imprensa, todo debate político hoje é dominado por um discurso que coloca temas morais como o combate ao homossexualismo e o endurecimento penal em primeiro plano e subordina as questões econômicas e sociais a essa visão de mundo punitiva. Estamos vendo no Brasil e em outros países uma expansão mundial das guerras culturais (Gallego; Ortellado; Moretto, 2017, p. 36).

Esse quadro que evidentemente se consolidou no Brasil há quase uma década e se apresenta como um desafio de análise. Nessa disputa, o papel da universidade – especialmente, a pública – se torna um dos pontos de atenção no embate de narrativas. Espaço de produção de conhecimento e

tecnologia ou antro de perversidade, a universidade tem sua representação disputada pelos dois campos. A representação, no sentido que é descrito por Hall (2016, p. 31) é fundamental para compreendermos como os discursos proferidos ajudam a criar uma visão de mundo em quem os consome: “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura”.

Dessa forma, o ambiente criado pelas guerras culturais, ao alimentar o debate político, modifica nossa forma de sociabilidade, (re)criando nossa forma de viver e de se relacionar. Em função disso, os meios de comunicação, sejam os tradicionais ou as plataformas digitais, têm grande importância na propagação dessas ideias e temas.

Embora o conceito de guerras culturais tenha se difundido na década de 1990 e se remeta, sobremaneira, aos Estados Unidos, muitas lutas pelos direitos civis e por transformações morais a partir da década de 1960 causaram reação dos conservadores, provocando conflitos culturais (Hartman, 2019; Melo; Vaz, 2021). Nessa configuração, a polarização na política aliada à proliferação e à midiaticização dos discursos nas redes sociais digitais tornou ainda mais evidente as diferentes significações sobre debates morais, inflamadas pelo fenômeno da pós-verdade e pelo uso estratégico das tecnologias para a reverberação dos sentidos a um maior alcance possível. A propagabilidade de uma publicação pode ser maior ou menor dependendo de alguns fatores, tal como citado por Jenkins, Green e Ford (2014), a saber: a facilidade/disponibilidade do conteúdo; a portabilidade da publicação, ou seja, o quanto o conteúdo pode direcionar o leitor/interlocutor a outros textos; quando o conteúdo pode ser utilizado para diversas funções ou grupos; a sua relevância para o público; e a mentalidade “viral” das empresas/produtores de conteúdos quanto às suas publicações.

Dentro deste quadro, a proposta de pesquisa se concentra em entender quais são os discursos e qual a representação da universidade, dentro de um contexto de guerras culturais – como no Brasil atual –, por meio da análise de canais de *YouTube* de produtores de conteúdo de ambos os espectros políticos.

A pesquisa foi feita com base nos canais de seis produtores de conteúdo do *YouTube*: três de direita e três da esquerda, de modo que a análise foi realizada nos vídeos divulgados em 2022 que mencionam o debate em torno da universidade. O conteúdo do vídeo e dos comentários foram submetidos à análise de rede e nuvem de palavras, visando a obter dados para explorar as diferentes significações sobre a universidade, de acordo com o posicionamento de cada canal. Quanto aos procedimentos metodológicos, foi necessário o aprofundamento teórico sobre guerras culturais e sua relação com temáticas vinculadas à universidade, e a utilização da Análise de Redes para Mídias Sociais (ARS) a fim de desenvolver a coleta dos dados, visualização dos grafos e interpretação dos resultados.

No Brasil, durante as eleições de 2018 e ao longo do governo presidencial de Jair Bolsonaro, esse debate tornou-se muito evidente, tendo por precursores narrativas como a do “kit gay”, da “mamadeira de piroca” e da “ideologia de gênero”, amplificadas ainda no período eleitoral (Melo; Vaz, 2021). Durante a gestão de Bolsonaro, diversas notícias falsas e inúmeros discursos ideológicos sobre a universidade se avolumaram nas redes sociais digitais. Esse movimento foi reforçado por manifestações públicas do ministro da Educação à época, Abrahan Weintraub, e do próprio mandatário da República, incluindo

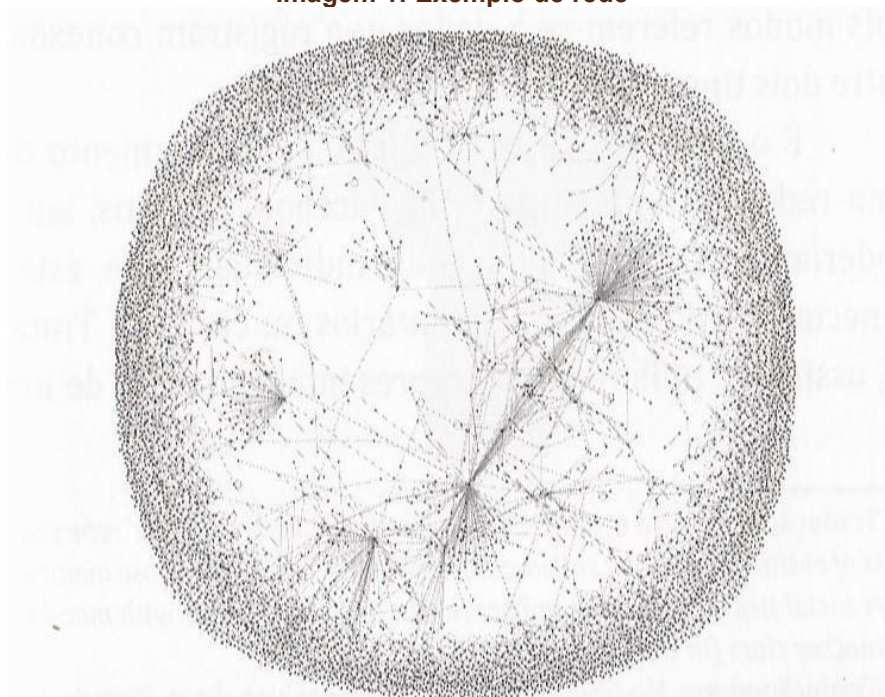
alegações sobre plantações de maconha nas universidades federais, episódios de violência contra estudantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), pronunciamentos contrários às políticas de cotas em vestibulares, hostilidade contra reitores, contenção de investimentos em faculdades de Filosofia e Sociologia, e associação entre universidade e ideologia de esquerda, entre outros aspectos (Silva; Castanheira, 2021). Estes discursos colaboraram para a formação de um imaginário coletivo que reforça uma postura de oposição à ciência, à intelectualidade e ao pensamento crítico e reflexivo. A partir disso, diversos influenciadores digitais cooperaram no sentido de alimentar seus seguidores de acordo com seu posicionamento, sobretudo, na Plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Por esta razão, optou-se por desenvolver a pesquisa sobre a midiatização do tema universidade nessa plataforma. Deste modo, justifica-se a escolha do tema, da plataforma e do período da coleta, a saber, o ano de 2022.

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, fez-se necessário o aprofundamento teórico para relacionar com mais propriedade as guerras culturais com os discursos midiatizados das redes sociais digitais sobre a universidade. Em sequência, para realizar a pesquisa aplicada, foi adotado o método da Análise de Redes Sociais (ARS), de cunho estruturalista (Imagem 1), que pode ser definido como:

um conjunto teórico e epistemológico focado na compreensão dessas estruturas sociais e seu papel, além da análise do conteúdo dos vídeos e de comentários. Em sua base metodológica, a ARS utiliza-se de um conjunto de métricas e técnicas de pesquisa utilizado para descrever a relação entre nós [...] e suas conexões (Recuero; Bastos; Zago, 2018, p. 39).

Imagem 1: Exemplo de rede



Fonte: Recuero, Bastos e Zago (2018, p. 61).

A coleta de dados foi realizada por meio da ferramenta *YouTube Data Tools*, utilizando o *Video Co-commenting Network*, um módulo que cria redes de vídeos com base no conceito de co-comentário, isto é, se um usuário comentar em dois vídeos, cria-se um *link* entre ambos, de maneira que quanto mais usuários comentarem, mais forte terá sido esta ligação. No caso desta pesquisa, o termo selecionado para a coleta dos vídeos foi “universidade”, com filtros de busca apenas em português e de canais do Brasil. Neste módulo, foi solicitado que se colem os 150 vídeos mais relevantes sobre o tema e, a partir daí, a formação de redes entre eles, no qual o principal indicador utilizado foi o *PageRank*, a fim de analisar os vídeos mais notáveis na rede. Analisamos, ainda, a nuvem de palavras dos *clusters* formados na rede, entendendo a formação de cada comunidade. Posteriormente, selecionamos os dois vídeos mais proeminentes para aplicá-los no módulo da plataforma *Video Comments* para elaborar uma análise sobre os termos mais utilizados pelos usuários. Para uma melhor visualização, foi aplicada uma ferramenta que cria nuvem de palavras, a fim de observar os termos mais empregados. Quanto ao *software* para a visualização das redes, foi utilizado o *Gephi*.

Complementando a pesquisa, utilizamos o estudo da pesquisadora Letícia Capone, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o qual foi divulgado no “Portal UOL”, no dia 18 de agosto de 2022, cujos resultados apresentaram os principais canais da extrema direita – predominante – e da esquerda, no ano de 2022, com o escopo de observar as principais diferenças quanto à abordagem semântica que os vídeos dos canais com maior engajamento utilizam sobre o tema universidade (Preite Sobrinho, 2022). A partir deste estudo, foram analisados três expoentes de cada lado do espectro político, que constituíam os seis canais de *youtubers* mais assistidos, naquele período, da extrema direita e da esquerda, mediante os vídeos que tratam ou mencionam sobre a universidade e analisados seu contexto de emprego. Assim, foram feitas triagens dos vídeos que tratam da universidade dos canais em 2022, em conformidade com a data da pesquisa de Letícia Capone. Os canais analisados foram:

Canais dos *youtubers* de esquerda:

- Henry Bugalho
- Portal do José
- Desmascarando

Canais dos *youtubers* de direita:

- Nando Moura
- Nikolas Ferreira
- Daniel Alvarenga

No fim, os resultados dos dois blocos foram comparados e confrontados com o arcabouço teórico levantado, a construção de discursos e narrativas sobre a universidade e a sua publicização.

Ainda para esclarecer um conceito apresentado, repetidamente, ao longo do texto, assumimos a noção de esquerda e direita no campo político equivalentes ao de Norberto Bobbio (1995, p. 33):

“Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente a ação política, contrastes não só de idéias, mas também de interesse e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer.

Assim, os termos representam campos opostos no jogo político, dentro de um pensamento em diáde. A divisão nos dois lados representa um posicionamento antagônico, “com o fim de contrastar ideologias, pensamentos e ações políticas. Sendo, portanto, termos excludentes e exaustivos no sentido de que não se pode ser de direita e esquerda simultaneamente” (Silva; Moraes, 2019, p. 180).

Guerras culturais

O conceito de guerra cultural se manifesta como uma forma de descrever os conflitos ideológicos que permeiam as sociedades contemporâneas, envolvendo disputas sobre valores, crenças e práticas culturais predominantes. Esses embates são impulsionados por questões políticas, morais e sociais que se manifestam em diferentes esferas, como a educação, a arte, o entretenimento e as políticas públicas (Hunter; Zanon, 2022). Embora, em tempos passados, alguns autores, como Brint (1992) e Smith et al. (1996), tenham rejeitado a existência de uma guerra cultural, as discussões contemporâneas demonstram que tais conflitos se tornaram mais evidentes e amplificados pelas plataformas digitais, que permitem a rápida disseminação de opiniões e discursos antagônicos.

Nascida nos EUA, resultado da oposição ferrenha dos setores mais conservadores da política e da sociedade civil daquele país que se levantaram contra os avanços progressistas da década de 1960 (Hartman, 2019). Por exemplo, a *New Left*, os movimentos GLS (hoje conhecidos como LGBTQIA+), as lutas dos negros pela igualdade civil, a contracultura e as demandas feministas provocaram uma mudança significativa nas estruturas sociais conservadoras daquele país. O esforço no sentido contrário forçou os conservadores a “lutarem pelo que eles definiam como uma boa sociedade, e uma América tradicional e normativa” (Hartman, 2019, p. 37), isso incluía uma definição muito própria de “bons costumes”.

Os debates sobre aborto e questões de gênero, por exemplo, frequentemente, evidenciaram as distinções entre os lados, como uma representação da polarização entre tradicionalistas e progressistas:

O cerne da discussão da guerra cultural era que a cultura pública norte-americana estava passando por um realinhamento que, por sua vez, estava gerando tensões e conflitos significativos. Esses antagonismos estavam ocorrendo não apenas na superfície da vida social (ou seja, em sua política cultural), mas nos níveis mais profundos e intensos, e não apenas no nível da ideologia, mas em seus símbolos públicos, seus mitos, seus discursos e por meio das estruturas institucionais que geram e sustentam a cultura pública. Assim, por baixo da miríade de controvérsias políticas sobre as chamadas questões culturais, havia crises ainda mais profundas sobre o próprio significado e propósito das instituições centrais da civilização norte-americana. Por trás da política de aborto havia uma controvérsia em relação a um debate importante sobre o significado da maternidade, da liberdade individual e de nossas obrigações uns com os outros (Hunter; Zanon, 2022, p. 28).

Essa tentativa de conter as transformações na sociedade, que eram vistas como aberrantes, se comparadas com a norma de vida defendida pelos conservadores, suplantava as teses teológicas mais ferrenhas, pelo que conciliou lados anteriormente opostos. A oposição a novas teses, que pretendiam inserir na trama do tecido social, como iguais, aqueles que antes eram postos à margem, teve como uma das consequências o alinhamento de ideias reacionárias de religiosos judeus, protestantes e católicos pela primeira vez na história:

Aparentemente, as distinções politicamente significativas na religião e na cultura públicas norte-americanas não eram mais aquelas entre protestantes, católicos, judeus e secularistas, como haviam sido por vários séculos. Em vez disso, a distinção mais notável era entre os impulsos e tendências ortodoxos e progressistas dentro das principais tradições filosóficas-religiosas. O resultado foi um conjunto de alianças historicamente sem precedentes entre facções religioso-culturais conservadoras e entre facções religioso-culturais progressistas que se manifestaram em disputas de políticas públicas e na retórica nacionalista de oposição (Hunter; Zanon, 2022, p. 32).

Para Hunter e Zanon (2022), a percepção da existência desses conflitos se dá no cotidiano, em situações corriqueiras da existência social: “A guerra cultural não se manifesta o tempo todo em todo lugar da mesma maneira. Ela é episódica e, muitas vezes, local em suas expressões” (Hunter; Zanon, 2022, p. 51). Falas de políticos e religiosos, a depredação de um local de culto ou o ataque verbal a pessoas de minorias sociais são comumente repercutidas no cotidiano das comunicações midiáticas e redes digitais, representando conflitos menores: “Porém, o que está em disputa e o que está em jogo é a cultura em seus níveis mais profundos” (Hunter; Zanon, 2022, p. 52).

Uma das áreas mais conhecidas por receber ataques dos conservadores está ligada às artes e ao entretenimento: “Na luta pela cultura Americana, conservadores foram explícitos sobre qual tipo de representação artística eles se opõem” (Hartman, 2019, p. 172), toda forma de arte que não seja baseada em uma estética heteronormativa é potencial alvo de ataques, bem como aquelas que não representem fielmente símbolos religiosos judaico-cristãos da forma consagrada pelas religiões. Apresentações, performances e histórias são escrutinadas e, muitas vezes, prosseguidas. No Brasil, exemplos são abundantes: uma exposição de artes em Porto Alegre (RS) foi fechada depois de manifestações do grupo ativista de direita Movimento Brasil Livre (MBL) em setembro de 2017. A exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* reunia 270 trabalhos de 85 artistas e abordavam questões LGBTQIA+. Uma das principais reclamações era que as obras promoviam blasfêmia e pedofilia. Depois de incisivas manifestações, pela internet e presencialmente, que envolveram até o prefeito da cidade, o Banco Santander, que patrocinava a mostra, optou por encerrá-la (Mendonça, 2017).

Outro episódio foi registrado em 2017, na cidade de Jundiaí (SP), onde a peça “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu” foi vetada por ordem judicial. No mesmo ano, o Poder Judiciário já tinha proibido a apresentação em Salvador, no Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia. Em 2018, o então prefeito do Rio de Janeiro – e bispo evangélico –, Marcelo Crivella, vetou o evento em espaços municipais. No monólogo teatral, Jesus Cristo é vivido e interpretado por uma travesti e tem sua narrativa atravessada de histórias de aceitação e inclusão (Alves Junior, 2016).

Hartman (2022) relembra que deste tipo de disputa não escapa nem a música pop americana, representada nos anos 1980 e 1990 pela MTV, o rap e o *rock 'n roll*, como também as produções de Hollywood. O filme “A última tentação de Cristo” (1988), do diretor Martin Scorsese, enfrentou forte resistência no seu lançamento de grupos religiosos conservadores, fundamentalmente, por uma cena em que Jesus e Maria Madalena consumam seu casamento.

Uma característica fundamental para entendermos as guerras culturais como um fenômeno consolidado pelo controle ideológico e político da sociedade está vinculada à participação da religião. A preocupação com símbolos e ícones da religiosidade judaico-cristã, como dito anteriormente, aglutinam antigos rivais teológicos, colocando a defesa reacionária por valores e costumes normatizados pelas ideias conservadores acima de suas diferenças: “As importantes linhas de falha política na paisagem religiosa americana não seguem as linhas confessionais, mas as atravessam. Ou seja, elas são definidas por uma perspectiva religiosa ao invés de rótulos confessionais” (Hunter; Zanon, 2022, p. 55). Na prática, a ideia de uma moral religiosa é mais forte do que denominações. No Brasil, um exemplo que chamou a atenção aconteceu em manifestações convocadas por partidos e movimentos de direita no mês de fevereiro de 2024 como forma de apoiar o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Em uma matéria disponível no canal do UOL no *Youtube*, três mulheres se manifestam adornadas de verde e amarelo, cores que se ligaram aos movimentos de direita na última década. Porém, outro acessório chama atenção: uma bandeira de Israel é carregada por cada uma delas. Ao serem questionadas pelo repórter, respondem com ar professoral. “Porque somos cristãs como Israel” (UOL, 24 fev. 2024).

Essa sobreposição de religiosidade está mais relacionada a características conservadoras e morais, que, aqui no Brasil, se ligaram recentemente às igrejas neopentecostais, em cujos templos pastores e ministro adotaram símbolos judaicos como assessórios litúrgicos (Mori, 27 fev. 2024), buscando uma referência da nação israeleita histórica do Antigo Testamento. Outra vertente está relacionada à política contemporânea do Estado moderno de Israel, comandado por Benjamin Netanyahu desde 2005, político conservador e líder do Likud, partido de direita daquele país.

É interessante notar que esse tipo de reação e controle sobre a vida privada, consumo e costumes não é algo historicamente ligada ao pensamento liberal: “Os libertários costumavam combinar o seu desejo de destruir o Estado com a convicção de que cada um é dono da sua vida – para consumir ou não drogas, dormir com quem quer que fosse etc. – no âmbito privado. O Estado não teria por que se meter aí” (Stefanoni, 2022, p. 186):

A meta de acabar com o Estado se mantém, mas agora caminha de mãos dadas com o fortalecimento das instituições sociais tradicionais. A liberdade é uma condição necessária, mas não suficiente: requer instituições sociais que estimulem a virtude pública e, acima de tudo, protejam os indivíduos do Estado. Essas instituições são a família, a igreja e as empresas (Stefanoni, 2022, p. 203).

Apesar disso, a partir dos anos 1960, organizações políticas, religiosas e civis nos Estados Unidos, tanto de forma espontânea quanto organizada, uniram os ideais libertários econômicos à agenda de costumes. Naquela conjuntura, entrou nas discussões a intervenção do Estado sobre as vontades individuais que se opunham a uma moral cristã. Como resultado, o consumo recreativo de drogas, os direitos reprodutivos das mulheres e todo tipo de pauta identitária se tornou oposição ao conservadorismo reacionário: “Eles também compartilham de uma defesa apaixonada da posse irrestrita de armas, uma ‘cultura’ que vai desde a defesa pessoal e familiar até a formação de milícias antiestado” (Stefanoni, 2022,

p. 209). A posse e o porte de armas de fogo entram nessa mistura religiosa e patriótica, baseada na Segunda Emenda da Constituição dos EUA, sendo esse outro tema defendido ostensivamente: “Enquanto os neoliberais, em sua essência, são mais pragmáticos, os neoconservadores se baseiam nas ideologias morais cristãs” (Menin; Pedro, 2022, p. 293).

No Brasil, as guerras culturais assumem características próprias. Entretanto, muitas vezes, também sofrem atravessamentos por tensões políticas e religiosas. Durante o governo Bolsonaro, para exemplificar, práticas de pós-censura afetaram diretamente o financiamento público das artes, configurando-se como estratégias de controle ideológico (Paula; Dumas; Pimenta, 2022).

No país, a propósito, os embates se manifestam fortemente nas redes sociais e nos discursos políticos de direita. A negação de financiamento a produções culturais ligadas a temas LGBTQIA+, por exemplo, foi um marco das políticas culturais do governo Bolsonaro: “É um dinheiro jogado fora. Não tem cabimento fazer um filme com esse tema” afirmou o então presidente, em transmissão nas suas redes sociais (Paula; Dumas; Pimenta, 2022, p. 280). Essas ações são interpretadas como uma forma de censura cultural e exclusão de minorias, refletindo o embate entre os valores tradicionais e a defesa da diversidade cultural. Aqui as discussões sobre gênero, diversidade e sexualidade se tornaram o bastião de defesa da família contra a “imoralidade” e a “subversão dos valores”: “Enquanto para conservadores fundamentalistas a identidade heterossexual é algo natural, as identidades sexuais dissidentes são construções recentes” (Menin; Pedro, 2022, p. 295).

Esse embate vai desaguar nas discussões relacionadas a “ideologia de gênero” e opor um inimigo recorrente dos reacionários brasileiros: a educação pública. A disputa se manifesta no discurso propagado em redes digitais e nos palanques políticos e altares religiosos; depois é replicada em grupos de mensagem e em manifestações públicas. O interesse é claro: evitar que a escola desvie as crianças, adolescente e jovens de um caminho “correto” e dentro dos “bons costumes”: “Entre a polêmica em torno do Plano Nacional de Educação (PNE) – que ocorria no Brasil em 2014 – e de uma suposta ‘doutrinação’ marxista, dois movimentos, o ‘Escola Sem Partido’ e o ‘Ideologia de gênero’, uniram evangélicos e católicos para um ‘bem comum’: o fim de qualquer tipo de ‘doutrinação nas escolas’ (Menin; Pedro, 2022, p. 295).

Esse argumento é falacioso. Os estudantes são indivíduos críticos e autônomos e o direcionamento dos estudos se dá sob uma série de regras de currículo definidas por órgãos federais, estaduais e colegiados acadêmicos dentro das próprias instituições. Mas as manifestações espalhafatosas, geralmente acompanhadas de notícias falsas, criam a narrativa necessária para fomentar o embate:

O fato de as escolas públicas terem sido o lar de uma frente importante nas guerras culturais não deveria ter sido uma surpresa. As disputas sobre educação há muito acompanham o conflito cultural dos EUA. Afinal, as escolas têm sido a instituição com a qual mais se contou para garantir a reprodução das normas americanas (Hartman, 2019, p. 20).

Ainda para Hartman (2019), os conservadores enxergam o desenvolvimento recente da educação como uma catástrofe, enquanto progressista percebem as relações de ensino-aprendizagem como uma possibilidade de solidificar as conquistas civis recentes e desenvolver novos ganhos. Seja como for, invariavelmente, as discussões sobre inclusão, direitos igualitários e liberdades individuais encontram respaldo no pensamento acadêmico e nos intelectuais. O acesso às universidades, por exemplo, que foi expandido fortemente nas últimas décadas trouxe um grande desconforto,

associando o conjunto dos intelectuais à inutilidade social e fortalecendo a concepção pejorativa de uma parcela da sociedade de que os estudantes – em especial os estudantes das universidades públicas – não produzem riquezas, são dispendiosos, ociosos e errantes. Tal indolência seria também característica da militância política (Godoi, 2022, p. 320).

Uma manifestação do que pode ser nomeado como guerra cultural são os ataques periódicos ao patrono da educação brasileira, o pernambucano Paulo Freire: notável educador e filósofo brasileiro. Alvo recorrente de alegações falsas sobre o seu método, as disputas narrativas personificam no educador as críticas dos conservadores de direita sobre o que eles entendem serem mazelas na educação pública, agenciadas pela esquerda: “Paulo Freire seria responsável pela quebra de hierarquias dentro do ambiente escolar, promovendo a desordem, a indisciplina e a insubordinação” (Godoi, 2022, p. 326).

Essas alegações exacerbam a ideia de que os valores não conservadores e regidos pela moral cristã representam um rompimento com o exercício pleno da educação normativa, criando, pois, uma narrativa falsa, amplamente disseminada, sobre o papel da educação:

A disputa pela institucionalização de uma perspectiva, dentro da moldura interpretativa das guerras culturais, está sempre relacionada a maior abrangência possível de tal perspectiva em distintos estratos sociais. O que constatamos no caso analisado é o trabalho político a partir do viés negativo, isto é, da construção de um inimigo comum. Enquanto as disputas positivas de construção de heróis necessitam de um certo nível de engajamento nos debates – abertura para diálogo entre contraditórios, checagem e análise de informações e mediação de perspectivas –, as disputas por vias negativas apresentam um imediatismo. Elas operam fortemente pela ridicularização, pelo escárnio e pelo insulto. Assim, capilarizam-se pelo tecido social rapidamente, em especial pelas plataformas digitais de comunicação, uma característica fundamental das guerras culturais na contemporaneidade e do processo de construção da figura de Paulo Freire como um inimigo nacional (Godoi, 2022, p. 339).

A disseminação da narrativa, usada em discussões falaciosas em grupos de internet, de que as universidades públicas tenham sido cooptadas pelo pensamento marxista, não visa senão a promover o distanciamento da opinião pública do cotidiano real dessas instituições de ensino.

Análise dos dados

A análise foi realizada em três momentos. Ei-los: a) a primeira fase tem a ver com a análise de seis canais do *Youtube*, sendo três relacionados à extrema-direita e outros três, à esquerda (Preite Sobrinho, 2022), a fim de investigar, no ano de 2022, as menções feitas sobre universidade; b) na segunda etapa foi analisada a rede formada por 150 vídeos no Youtube, a partir do termo de busca “universidade”, no

YouTube Data Tolls, com o critério de co-comentário; c) a terceira análise se refere aos comentários dos dois vídeos mais relevantes, dentre os 150 buscados, conforme métricas *PageRank*, do *software Gephi*.

Análise dos canais do YouTube

A coleta de dados foi realizada a partir do estudo da pesquisadora Letícia Capone, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, divulgado no Portal UOL em 18 de agosto de 2022, cujos resultados apresentaram os principais canais da extrema direita e da esquerda, em 2022, a fim de observar as principais diferenças quanto à abordagem semântica que os vídeos dos canais com maior engajamento utilizam sobre o tema universidade. A partir deste estudo, foram analisados os três de seis canais de *youtubers* mais assistidos naquele período da extrema direita e da esquerda, e que fizeram menção ao papel das universidades, como já pormenorizado na metodologia.

Foi possível observar que os produtores de conteúdo analisados de extrema direita têm como principal dinâmica produzir conteúdos em seus canais que envolvam, sobretudo, reagir a determinado assunto em voga no momento e, assim, relacionar tais temas às suas respectivas agendas ideológicas.

Em 2022, em grande medida, o canal Nando Moura Oficial optou por criar conteúdos que versavam sobre análises de notícias políticas, notícias de famosos, lançamentos de filmes, músicas e acontecimentos da cultura pop em geral. Em seus vídeos, o *influencer* que dá nome ao canal se autodeclara como uma pessoa de extrema direita, religiosa e conservadora, defensora da família e dos bons costumes. É formado em Música, um fã de *rock 'n roll* e de jogos *role-playing game* (RPG). Apesar do seu posicionamento político, Nando Moura é um ex-bolsonarista e faz críticas ao ex-presidente Jair Bolsonaro e a seus seguidores, assim como também critica a esquerda e suas ideologias. Foram analisados 267 vídeos postados no ano de 2022 e foi possível perceber que sua visão da universidade consiste, essencialmente, no discurso de que as universidades são doutradoras do “esquerdismo” e incentivam o uso de drogas mais do que os estudos. Contudo, também desaprova a hipocrisia bolsonarista de produzir conteúdos midiáticos que julgam as universidades, enquanto, ao mesmo tempo, apoiam um presidente que abandonou o projeto de lei “Escola sem Partido”, que, segundo Nando, acabaria com a doutrinação dentro das universidades. No quadro 1, aliás, é possível observar estas declarações, com ênfase no reforço do discurso que atribui às universidades/faculdades a condição de doutradoras.

Quadro 1: Declarações de Nando Moura em seu canal no YouTube

| Data de postagem | Link do vídeo | Transcrição das declarações |
|------------------|---|---|
| 12/01/2022 | Hoje: gasolina aumenta e pode chegar a 10R\$!!! | “Você vai ver o discurso dos próprios professores, é doutrinação sim, e hoje você vê os caras saindo da faculdade com uma diplominha ou qualquer merda do tipo nessas <i>unimerdas</i> de qualquer lugar e não sabem escrever o próprio nome, passa o dia inteiro dentro da faculdade fumando maconha e se drogando”. |
| | | “As faculdades são doutrinadas, assim como os bolsonaristas estão tentando doutrinar os púlpitos das igrejas” |
| 16/06/2022 | Resposta ao Monark e ao Brasil Paralelo | “Vocês não fizeram lá o documentário ‘A ideologia da esquerda tem tomado conta das faculdades, tem tomado conta das escolas’, o movimento escola sem partido combateria isso”. |
| | | “Como está o discurso petista/comunistas nas faculdades? Ele se fortificou ou enfraqueceu?”. |
| 25/08/2022 | Mamãe Falei x Gustavo Lázaro - PAL TININDOMMM | “Se fosse os reitores das faculdades petistas, o povo (bolsonaristas) iriam gritar Haddad maldito queremos sua carcaça”. |
| | | “Aí você fala ‘a educação como é que era na época do PT?’ E como é que é agora? Mesma coisa, meu irmão. Pior, porque a esquerda voltou a ganhar a pauta moral dentro das escolas e nas universidades”. |

Fonte: Dados da pesquisa.

O Canal Nikolas Ferreira, no ano de 2022, se destacou por divulgar vídeos opinativos sobre temas que colaboravam com as suas propostas na Câmara dos Vereadores de Belo Horizonte. Muitos vídeos tratam de assuntos que envolvem a alegada defesa das crianças e dos jovens cristãos das supostas ameaças da corrente ideológica de esquerda, que englobariam a assim chamada ideologia de gênero, o feminismo e tudo que poderia corromper a inocência e a espiritualidade deste público, segundo sua visão. Em seu canal, Nikolas afirma ser cristão, conservador, defensor da família e dos princípios bíblicos e, no período analisado, era vereador de Belo Horizonte, quando também utilizava das suas redes sociais para propagar as próprias ideias para além da Câmara. Foram analisados 76 vídeos postados no ano de 2022. Desse arcabouço, foi possível perceber que sua visão acerca das universidades consiste muito na sua experiência pessoal. Nikolas cursou Direito na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e afirma ter enfrentado hostilidades dentro da instituição por expor suas crenças e combater ideias da esquerda. Nos seus vídeos, crítica o ativismo “comunista” dentro da universidade e como a corrente ideológica de esquerda influencia os cristãos a abandonarem a sua fé e a terem uma vida “mundana”, mas defende a liberdade de expressão e acredita que os cristãos e conservadores deveriam ter voz dentro da universidade. No quadro 2, é possível observar alguns trechos de suas falas nos vídeos sobre a universidade como um espaço de transgressão à educação religiosa, aos bons costumes e antidemocrático.

Quadro 2: Declarações de Nikolas Ferreira em seu canal no YouTube

| Data de postagem | Link do vídeo | Transcrição das declarações |
|------------------|--|---|
| 20/03/2022 | A Esquerda – Parte 2 | “7 a cada 10 cristãos que entram no nosso sistema de educação, nossas excelentes universidades, acabam no final das contas passando para o nosso lado [esquerda política]” ¹ . |
| 26/08/2022 | Podcasts Bolsonaro x Lula na Globo | “universidades formando não estudantes, mas ativistas”. |
| 05/10/2022 | Datena se emociona – Entrevista com Nikolas Ferreira | “eu passei por uma faculdade, eu sei o que é você chegar e falar ‘eu sou cristão e eu acredito no sexo só depois do casamento’, você é colocado como se fosse um ET, como se fosse um anormal e na verdade o normal é você ser escravo das suas vontades ‘eu bebo, eu fumo, eu transe com quem eu quiser’”. |
| 30/12/2022 | E agora? Meu vídeo mais importante... | “assim como a universidade deve ser um ambiente democrático, um lugar livre e que nenhuma pessoa deve ser cerceada ao direito de liberdade de opinião meramente porque está com uma camisa do Bolsonaro” |

Fonte: Dados da pesquisa.

O canal Daniel Alvarenga teve como principal conteúdo, em 2022, a reação a vídeos de posicionamentos políticos contrários ao dele. O *youtuber* utilizou técnicas de manipulação do discurso de superdramatização da informação (Charaudeau, 2016), por exemplo, adicionando uma música cômica, afinando a voz de quem está falando no vídeo e formulando falácias como argumento para embasar seu posicionamento ideológico. Em seu canal, à época, Alvarenga se identificava como conservador, bolsonarista e cristão, tecendo reiteradas críticas, principalmente, às feministas e à comunidade LGBTQIA+, afirmando que são grupos que ameaçam a “família”. Nos vídeos publicados naquele ano, mesmo que indiretamente, menospreza as universidades, ao sustentar que essas instituições não promovem um retorno financeiro adequado aos formados. Esse discurso acabava se tornando um recurso argumentativo para fazer campanha de seu curso “Fórmula do Dinheiro” no Hotmart, onde ensina às pessoas a ganharem “dinheiro fácil” nas plataformas digitais. Como principal mensagem, apresentava exemplos de pessoas que ganhavam mais do que alguém que tivesse completado o Ensino Superior, buscando impregnar a ideia de que a educação formal não seria uma garantia de sucesso financeiro. Foram analisados 210 vídeos do ano de 2022, e além dos comentários indiretos para vender o seu curso, Daniel critica a universidade em vários âmbitos, como as políticas públicas de cotas raciais, afirmando que não é justo ser responsabilizado pelas atitudes de seus antepassados, além da doutrinação que ocorre dentro das salas de aulas, como é possível visualizar no quadro 3. Majoritariamente, as declarações visavam a inferiorizar o valor de uma universidade a partir de casos isolados, tornando seus discursos radicais. Além disso, recorria à própria experiência como exemplo que é possível ter sucesso sem um diploma de Ensino Superior, resumido na máxima “basta querer”.

¹ Nikolas Ferreira reproduzindo possível fala da esquerda política, por isso utiliza a expressão “nosso lado”.

Quadro 3: Declarações de Daniel Alvarenga em seu canal no YouTube

| Postagem | Link do vídeo | Transcrição das declarações |
|------------|--|---|
| 14/01/2022 | Professor acabou com mi mi mi da lacradora cara a cara | <p>“e em relação a ela falar que a mulher fica submissa ao homem porque não fez uma faculdade, não faz sentido algum, quem quer empreender, empreende sem faculdade, quem quer aprender a fazer as coisas, faz sem faculdade... até porque muita gente hoje que fez faculdade está trabalhando de Uber”.</p> <p>“se a pessoa quer fazer a mesma coisa ela não tem que depender de diploma e de faculdade, é só ela pegar e fazer, eu tenho o exemplo da minha vó e eu tenho meu próprio exemplo, que eu não tenho faculdade”.</p> |
| 18/01/2022 | Professora tenta lacrar, mas toma enquadro ao vivo | “eu sou contra cotas nas faculdades, eu acho que a gente tem que parar com essa mania de achar que a gente tem alguma dívida histórica com alguém, eu não posso pagar pelo que meu tataravô fez”. |
| 30/01/2022 | Aluno acaba com professor lacrador | “muitas vezes as pessoas vão lá nas minhas redes pra poder falar que não tá mais aguentando a faculdade porque professor fica o tempo inteiro militando ideologicamente dentro da sala de aula”. |
| 06/04/2022 | Lacombe da enquadro em William Bonner em vídeo | “e esse problema ele vem da faculdade, você vê os alunos de faculdade lá de fora estão preocupados em ganhar Nobel de Química e Nobel de alguma coisa, os alunos daqui do Brasil estão preocupados em fazer congresso de como dar o rabo e não sentir dor ² ”. |

Fonte: Dados da pesquisa.

Em 2022, o Canal Henry Bugalho apresentou, principalmente, debates filosóficos sobre temas contemporâneos que envolvem política, cultura, sociedade e história. Nos vídeos, fez declarações críticas quanto ao impacto negativo do crescimento da extrema direita no Brasil e no mundo, além de críticas exclusivas ao ex-presidente Jair Bolsonaro e a Olavo de Carvalho³, que já faleceu. Foram analisados 277 vídeos, postados em 2022, e, embora a universidade tenha sido mencionada como instituição apenas uma vez, destacou a sua formação e a importância da academia em vários momentos. Henry Bugalho é escritor, formado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pós-graduado em Literatura e História e apresenta diversas teorias filosóficas e sociológicas para embasar seus discursos e para fazer analogias com acontecimentos atuais. Em sua única citação direta à universidade, declarou um descontentamento acerca da imersão de diversos bolsonaristas e olavistas nas esferas da educação no Brasil (Quadro 4), como a premiação de Daniel Silveira⁴ pela Ordem do Mérito do Livro, que é consagrada pela Biblioteca Nacional, um prêmio importantíssimo para a Academia Brasileira de Letras (ABL). Na ocasião, expressou indignação ao equiparar acadêmicos da área, escritores e pessoas que realmente contribuíram com a literatura no Brasil com um ex-deputado ligado a um governo, que, segundo Henry, empreendeu “obras de destruição e sabotagem da cultura”.

² Uma das pesquisas mencionadas por Daniel Alvarenga teve como objetivo “abordar os fatores biológicos, psicológicos e situacionais que interferem na experiência da dor durante o intercurso anal receptivo”. O resumo da pesquisa apresenta metodologia, resultados e conclusão, que revela “carência na literatura científica de estudos intervencionais que propõem medidas preventivas e possíveis tratamentos medicamentosos, fisioterápicos e psicoterápicos para essa demanda que assola cada vez mais as clínicas de sexologia e Proctologia” (Pereira; Spizzirri; Abdo, 2017, p. 1).

³ Olavo Luiz Pimentel de Carvalho (1947–2022) foi um astrológo, articulista, escritor, influenciador digital e ideólogo de extrema direita brasileiro.

⁴ Ex-deputado bolsonarista que ficou midiaticamente conhecido por avariar uma placa com o nome de Marielle Franco.

Quadro 4: Declarações de Henry Bugalho em seu canal no YouTube

| Postagem | Link do vídeo | Transcrição das declarações |
|------------|----------------------------|---|
| 03/07/2022 | Cansei de ser humilhado... | “Eles despejaram olavistas nos diferentes graus hierárquicos do MEC para tentar controlar a mensagem transmitida e aí criar uma visão reacionária de sociedade e condenando certos autores, intelectuais e as universidades por exemplo”. |

Fonte: Dados da pesquisa.

O Portal do José é um canal de análises políticas e sociais criado por José Fernandes da Silva Junior, advogado, professor e jornalista. O canal se destaca como uma das principais plataformas de opinião progressista no Brasil. José Fernandes é formado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com mestrado em Ciências Penais, e possui uma carreira extensa como professor de Direito Penal, Constitucional e Ciência Política. O conteúdo de seu canal aborda temas como política nacional, direitos humanos e questões sociais, sempre com uma análise crítica e bem fundamentada. O canal recebeu o prêmio iBest 2023 como “Melhor Canal de Opinião Política” pelo voto popular, reforçando sua relevância na mídia digital brasileira. Foram analisados 100 vídeos e não foram encontrados nenhuma menção à universidade.

O Canal Desmascarando tem apenas um vídeo disponível postado no ano de 2022. Sendo assim, apenas esse foi analisado. O vídeo de seu canal intitulado “VÍDEO ANTIGO DE ZAMBELLI VIRA PIADA NAS REDES, RENAN BOZO 04 VIRA CHACOTA NAS REDES APÓS ENTREVISTA” apresenta um compilado de notícias da semana, nas quais o narrador acrescenta breves comentários opinativos. Em um momento, explora um *tweet* do @proftulio (Professor Túlio) com o texto: “o curioso caso do youtuber (Gabriel Monteiro) que invadia a UFF (Universidade Federal Fluminense) preocupado com orgias e drogas e organizava orgias com menores de idade regada à drogas na sua própria casa”. Sobre isso, questionou a omissão dos representantes de extrema direita que prometem defender a “família” e as crianças, acima de tudo, mas que, quando um deles não cumpre essa promessa, permanecem em silêncio. Essa foi a sua única menção sobre as universidades. Seu comentário foi o seguinte (Quadro 5):

Quadro 5: Declarações do perfil “Desmascarando” no YouTube

| Postagem | Link do vídeo | Transcrição das declarações |
|------------|---|--|
| 09/04/2022 | Vídeo antigo de Zambelli vira piada nas redes, Renan Bozo 04 vira chacota nas redes após entrevista | “aliás, cadê a Damares? A Damares, nesse caso, não diz que protege os adolescentes? Cadê aquele povo que fica aí enchendo o saco lá por causa de um filme de 10 anos atrás”. |

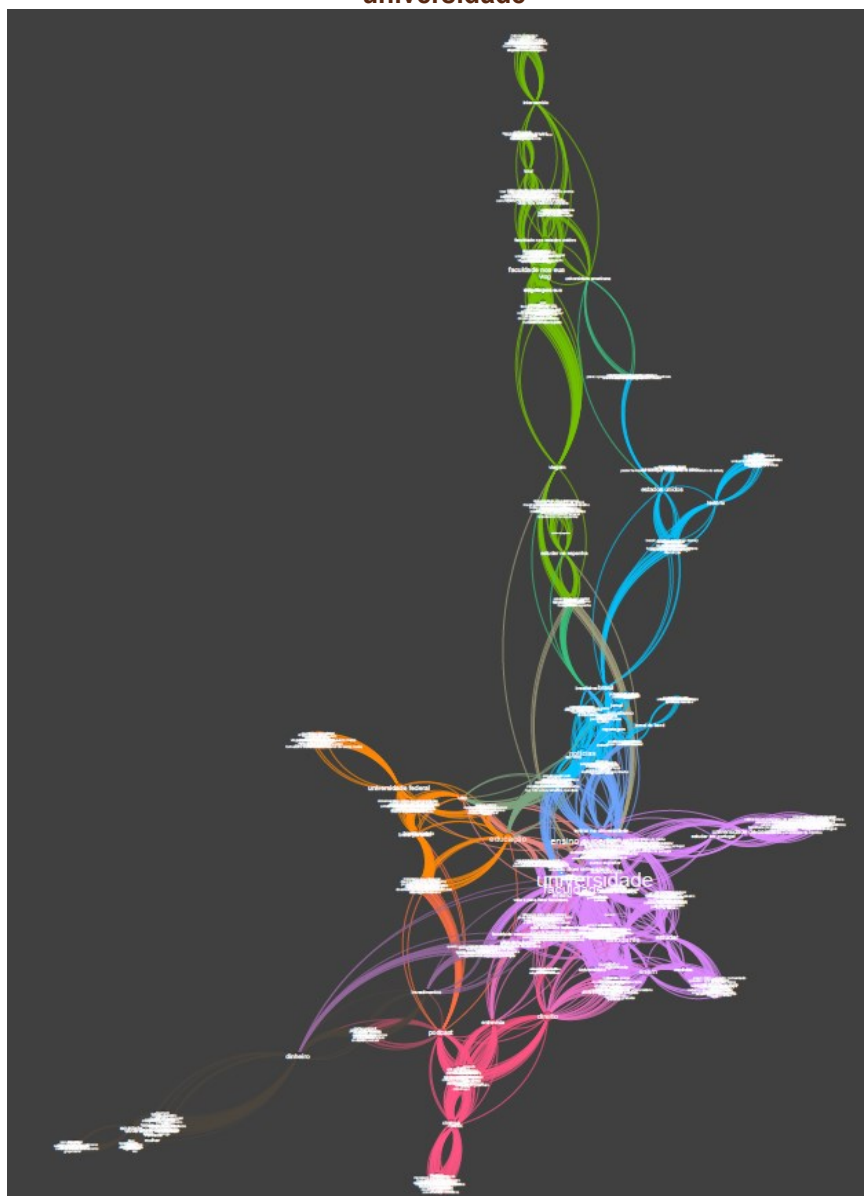
Fonte: Dados da pesquisa.

Análise da rede

Para a coleta dos dados iniciais dessa segunda etapa da pesquisa, foram utilizadas as ferramentas do *YouTube Data Tools* para selecionar vídeos que citam o termo “universidade” com o filtro

que delimita o período entre 01/01/2022 até 18/09/2024 (data da coleta de dados), utilizando o critério do *Video Co-commenting Network*, um módulo que cria redes de vídeos com base no conceito de co-comentário (a partir de um termo selecionado para a coleta dos vídeos), isto é, se um usuário comentar em dois vídeos, cria-se um *link* entre ambos, de maneira que quanto mais usuários comentarem, mais forte será esta ligação. No caso desta pesquisa, o termo selecionado para a coleta dos vídeos foi “universidade”, com filtros de busca apenas em português e de canais do Brasil. Neste módulo, foi solicitado que se coletassem os 150 vídeos mais relevantes sobre o tema e, a partir daí, a formação de redes entre si. As redes foram formadas a partir das *tags* destes 150 vídeos, possibilitando-nos compreender as tipologias temáticas principais dos vídeos consumidos no Youtube que tratam da universidade. Na imagem 2, é possível observar essa rede e os *clusters* (comunidades) formados, fundamentalmente, pela aproximação das *tags* e dos co-comentários.

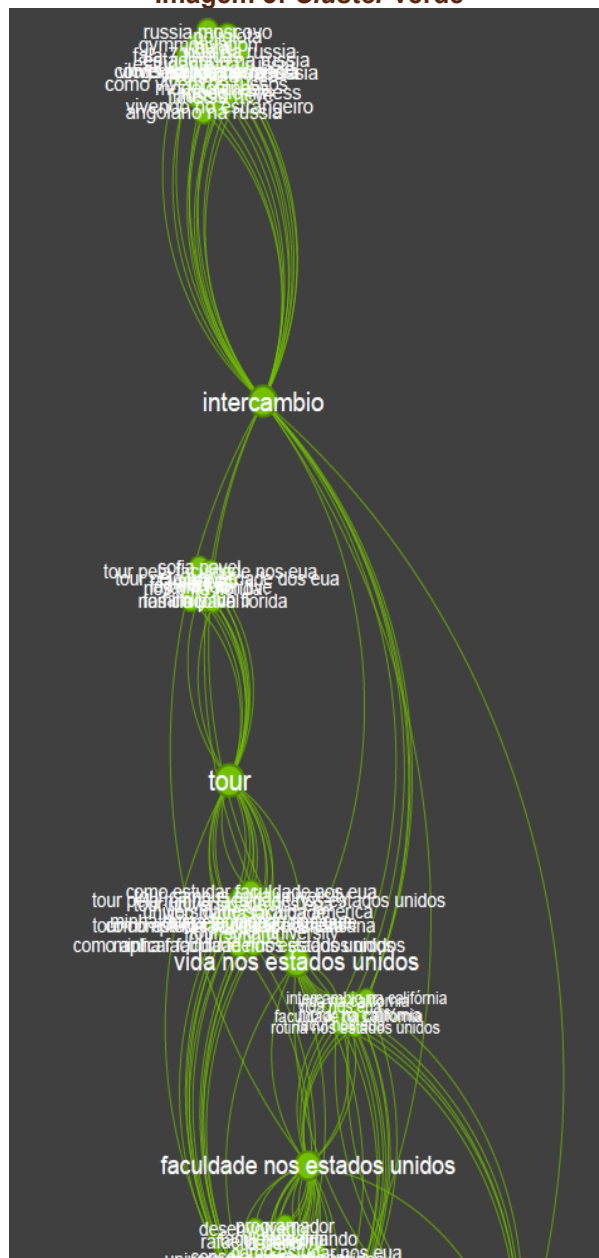
Imagem 2: Rede completa a partir das tags dos 150 vídeos mais relevantes com o termo de busca “universidade”



Fonte: Dados da pesquisa.

Com vistas a melhorar a visualização dos dados, aproximamos cada *cluster* para observarmos a aproximação entre as *tags* e, assim, conseguirmos descrever cada formação de comunidade. Na imagem 3, é possível ver o *cluster* verde, formado por vídeos relevantes para quem tem interesse em estudar fora do Brasil, sobretudo, porque tem informações sobre intercâmbios, dicas de como viver em outros países na condição de estudantes, sugestões de viagens e tours, entre outros.

Imagem 3: Cluster verde



Fonte: Dados da pesquisa.

A imagem 4 representa o grupo de vídeos de informações e notícias sobre universidade. Portanto, se enquadra mais na categoria jornalística. Na imagem, é possível observar nomes de emissoras de rádio e televisão, além de outros assuntos de teor informativo, como, por exemplo, “top 100 universidades mundiais”.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *cluster* lilás, na imagem 5, é a comunidade mais concentrada, mostrando maior coesão entre os co-comentadores. Embora não seja mediado por emissoras de rádio e televisão tradicionais, esta parte da rede também é informativa sobre como estratégias de estudar, dicas para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e cursinhos, a relevância de se cursar uma universidade, informações sobre cursos, etc.

Fonte: Dados da pesquisa.

Embora a extremidade esquerda da imagem 7 mostre informações sobre a Universidade Federal de Santa Maria, o *cluster* laranja predomina nas discussões sobre o Brasil Paralelo e debates mais críticos às universidades federais. O Brasil Paralelo é uma produtora de conteúdo que realiza documentários, entrevistas e cursos, além de transmitir pela sua plataforma de *streaming* filmes e desenhos. A missão da empresa é “resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”. Já a visão é “ser o ecossistema de maior influência cultural do Brasil”, e os valores são “Verdade, Liberdade, Arte,

⁵ Gênero muito utilizado em *podcast*, documentários etc.

O *cluster* rosa (Imagem 7) apresenta resultados de vídeos que se relacionam com outras plataformas, como *Apple TV* e *Netflix*, além de diferentes formatos de produção de conteúdo como cinema, entrevistas e *podcast*, que tratam, em certa medida, da universidade. Sobre *podcast*, a principal relação era com *true crime*⁵ de crimes que aconteceram dentro da universidade. É preciso ponderar, todavia, que alguns comentários que se relacionam com a Netflix tratavam da animação “Universidade Monstros”, e apareceram nos resultados, em virtude de a busca ter sido “universidade”.

20

O último *cluster* (Imagem 8) representa, majoritariamente, vídeos de cunho religioso, com algumas produções de lideranças que tratavam sobre Bíblia, feminilidade, “homem ao máximo”, submissão, entre outros. Na análise do arquivo gerado pelo *software*, observa-se que há vídeos da Universidade da Família⁶ e cultos realizados por líderes religiosos em universidades.

Imagem 8: Cluster marrom



Fonte: Dados da pesquisa.

Análise dos comentários

Após esta análise da rede formada, buscamos os dois vídeos mais relevantes destes 150 capturados, de acordo com a ferramenta *YouTube Data Tools*, para realizarmos a análise dos comentários, a saber: “A Farsa das Universidades Federais”, do canal Brasil Paralelo (2024b), e “Por que a procura por Universidades Federais está caindo?”, do Canal Professor Jubilut (2022). Curiosamente, cada um dos mais pesquisados representou um espectro político diferente, o que enriqueceu ainda mais a pesquisa, principalmente, porque a discussão comparativa possibilita um equilíbrio analítico, o que colabora para a visão mais ampla do debate proposto.

Após a seleção dos dois vídeos, com o *YouTube Data Tools Video Comments*, foi possível fazer o *download* de todos os comentários de cada vídeo. A partir dessa coleta, os comentários foram transformados em duas nuvens de palavras contendo as 50 palavras mais comentadas em cada vídeo. Importante ressaltar que foram descartados conectivos, artigos, pronomes e qualquer palavra que não demonstrasse um significado *per se*. A partir da nuvem, foi possível observar o comportamento repetitivo de cada grupo e as palavras-chave que definem o papel da universidade para cada um deles. Quais sejam:

a) para a Direita, palavras como ideologia, marxismo, comunismo, militante e maconha ajudam a definir a imagem das universidades e dos universitários, de sorte que a maioria dos comentários diz que a universidade é um ambiente que corrompe os jovens com ideologias comunistas e incentiva o sexo e as drogas mais do que a educação (Imagem 9);

⁶ Cursos e seminários, seguindo a perspectiva bíblica, sobre diversos assuntos.

[illegible]

b) enquanto, para a Esquerda, palavras como experiência, emprego, mercado de trabalho e educação auxiliam a construção da imagem das universidades e dos universitários, de modo que a maioria dos comentários era crítica às negligências governamentais em relação ao sistema de Ensino Superior, à ausência de investimento e à falta de oportunidades de emprego no Brasil. De modo geral, afirmam que, mesmo com as adversidades, a universidade ainda é um lugar que oferece perspectiva de futuro. Em outras palavras, a despeito das críticas ao sistema, os discursos demonstram gratidão à universidade pelas oportunidades promovidas (Imagem 10).

[illegible]

Foi possível observar que canais que se identificam mais ideologicamente com discursos da extrema-direita, quando tratam da universidade, comunicam estereótipos que deturpam a imagem das instituições, dos professores e dos universitários, apontando doutrinações, militâncias e incentivo ao uso de drogas. Estereótipos esses que foram formados a partir de casos isolados, e passaram a ser usados

para representar a universidade de forma generalizada. Dessa maneira, os discursos conservadores tornam-se radicais, carecendo de uma fundamentação crítica que vá além dos fatores morais. Já os canais que se identificam mais como perfil de esquerda, embora não abordem frequentemente temas diretamente relacionados à universidade, demonstram, em seus discursos – mesmo que esporádicos – gratidão e valorização da importância destas instituições para o desenvolvimento do país.

Quanto à rede formada pelas *tags* dos 150 vídeos mais relevantes pelo critério de co-comentário, com o termo de busca “universidade”, observa-se que a maior parte dos *clusters* formados tratam sobre informações, dados e notícias de interesse dos estudantes, seja para aqueles que visam a cursar uma universidade, seja para aqueles que já estão cursando. De toda forma, há um *cluster* que se enquadra a um debate que se aproxima dos discursos da extrema direita, como os três primeiros canais analisados neste estudo.

Os comentários dos dois vídeos mais relevantes da coleta de dados reforçam os vieses apresentados na análise dos canais com diferentes espectros ideológicos. Isso significa que, por um lado, a universidade é doutrinadora de esquerda e, por outro, é reconhecida por sua importância para o desenvolvimento do país.

Considerações finais

Pensar em guerras culturais é entender que o debate sobre a percepção do público está sendo guiado por uma série coordenada de histórias e narrativas que têm propósitos claros e definidos. Hartman definiu que as guerras culturais representam uma situação ubíqua na sociedade americana contemporânea e definem “a narrativa da América pós-moderna” (Hartman, 2019, p. 252). E a produção midiática é parte significativa para estruturar as narrativas que alimentam esses conflitos, uma vez que a cultura midiática “representa um importante marco na relação entre a comunicação e cultura. Sua produção influencia grandemente os nossos hábitos e nosso modo de existir socialmente” (Rocha; Silva; 2023, p. 12).

Por isso, produções em canais de divulgação no *YouTube* (ou em outros espaços da *internet*) devem ser estudados e debatidos, pois são fundamentais na formação daquilo a que chamamos cultura, por meio da qual “aprendemos e, inconscientemente, internalizamos quando dela nos tornamos membros” (Hall, 2016, p. 54). Assim, este trabalho teve como objetivo entender a representação da universidade em canais de *YouTube* – alinhados à direita e à esquerda do espectro político. A intenção era compreender como se forma a visão do público por meio das informações transmitidas pelos produtores de conteúdo, em meio a uma disputa pela organização social e moral, que chamamos de guerras culturais, e que tem sido um impulsionador dos embates entre campos políticos e ideológicos.

Nesse contexto, a universidade se tornou objeto de interesse, como fica visível nos dados analisados, especialmente, para o conteúdo vinculado ao espectro político da direita. Essa necessidade de criticar e sabotar os debates e o pensamento construído nas instituições de Ensino Superior é perceptível e gera incômodo dentro da comunidade universitária. O professor Otaviano Helene (2024), do

Instituto de Física da Universidade de São Paulo (USP), publicou no jornal da Instituição o artigo “Por que agridem tanto nossas escolas e universidades públicas?”. Para o docente, existe uma intenção em atacar o conhecimento crítico, reflexivo e científico e substituí-lo por argumentações rasas e pseudocientíficas:

Essas acusações dão base a outro tipo de agressão. Há movimentos negacionistas, contra o conhecimento e a ciência que defendem o terraplanismo, teorias de conspiração, movimentos antivacina e o ensino de dogmas religiosos nas escolas. Isso acaba transformando o ambiente escolar em um campo de batalha da guerra cultural (Helene, 2024, s./p.).

Esse conflito elege o conhecimento como um dos seus principais inimigos. A universidade, nessa contextura, se torna inimiga por sua natureza questionadora e investigativa. Por outro lado, os discursos extremados de um campo político buscam reduzir o papel das instituições nas suas práticas não só científicas e de conhecimento acadêmico, mas artísticas e políticas também:

Tal batalha também endossa a aversão à política em si mesma, engajando a sociedade, em especial a comunidade escolar, em um sentimento de repulsa quanto a presença dos debates políticos nos espaços de aprendizagem. Ademais, não só destrói a própria escola como espaço central para se aprender sobre política – nas instâncias históricas, filosóficas e sociológicas –, mas também aniquila a importância da sua prática, minando as oportunidades de aprendizagem baseadas em debates, discussões, diálogos, construções de oposições, práticas de consensos etc. (Godoi, 2024, p. 339).

As guerras culturais assumiram uma dimensão inegável no cotidiano da vida pública e privada no Brasil. Os seus elementos estão postos e aparecem, rotineiramente, em nossas interações diárias. Os canais de *YouTube* se tornaram um espaço livre e aberto para que ideias sejam defendidas, propagadas e reproduzidas sem controle, aprofundando e agravando o conflito. Nas análises, foi possível perceber como a universidade se tornou um alvo recorrente dos discursos da direita e da extrema direita no país. Diferentemente do ambiente rotineiro da maior parte das instituições de ensino superior do Brasil, os espaços são representados como ambientes improdutivos e enviesados politicamente. Esse cenário não encontra respaldo em uma análise empírica superficial. Mesmo assim, esta narrativa tem sido um dos pilares do debate político brasileiro na última década e precisa ser entendida e enfrentada na sua face social, política e científica.

Fontes

ALVARENGA, Daniel. *Canal Daniel Alvarenga*. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/44c1gb6>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ALVARENGA, Daniel. Professor acabou com mi mi mi da lacradora cara a cara. *Canal Daniel Alvarenga*. 14 jan. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/407Cmqc>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ALVARENGA, Daniel. Professora tenta lacrar mas toma enquadro ao vivo. *Canal Daniel Alvarenga*. 18 jan. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/4lcuw6C>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ALVARENGA, Daniel. Aluno acaba com professor lacrador. *Canal Daniel Alvarenga*. 30 jan. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/4leAvYD>. Acesso em: 30 abr. 2025.

ALVARENGA, Daniel. Lacombe dá enquadro em William Bonner em vídeo. *Canal Daniel Alvarenga*. 06 abr. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/4laqmMB>. Acesso em: 30 abr. 2025.

- BUGALHO, Henry. *Canal Henry Bugalho*. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/44c1gb6>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- DESMASCARANDO. *Canal Desmascarando*. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/4jxlGZn>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FERREIRA, Nikolas. *Canal Nikolas Ferreira*. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3GLUTkX>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- MOURA, Nando. *Canal Nando Moura*. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3EuxYKw>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- PORTAL DO JOSÉ. *Canal Portal do José*. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3ELZhjl>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BUGALHO, Henry. *Canal Henry Bugalho*. 2006. Disponível em: youtube.com/@HenryBugalho. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BUGALHO, Henry. Cansei de ser humilhado... *Canal Henry Bugalho*. 03 jul. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/4n6iNZr>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- DESMASCARANDO. *Canal Desmascarando*. 2014. Disponível em: youtube.com/@desmascarandooficial. Acesso em: 30 abr. 2025.
- DESMASCARANDO. Vídeo antigo de Zambelli vira piada nas redes, Renan Bozo 04 vira chacota nas redes após entrevista. *Canal Desmascarando*. 09 abr. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/44pC807>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FERREIRA, Nikolas. *Canal Nikolas Ferreira*. 2010. Disponível em: youtube.com/@NikolasFerreiraO. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FERREIRA, Nikolas. A Esquerda – Parte 2. *Canal Nikolas Ferreira*. 20 mar. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/4naSXDl>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FERREIRA, Nikolas. Podcasts Bolsonaro x Lula na Globo. *Canal Nikolas Ferreira*. 27 ago. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/43PrEXM>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FERREIRA, Nikolas. Datena se emociona – Entrevista com Nikolas Ferreira. *Canal Nikolas Ferreira*. 05 out. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3TC8n5W>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FERREIRA, Nikolas. E agora? Meu vídeo mais importante... *Canal Nikolas Ferreira*. 30 dez. 2022. Disponível em: <http://bit.ly/3l5D40T>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- MOURA, Nando. *Canal Nando Moura*. 2011. Disponível em: youtube.com/@NandoMouraOficial. Acesso em: 30 abr. 2025.
- MOURA, Nando. Hoje: gasolina aumenta e pode chegar a 10R\$!!! *Canal Nando Moura*. 12 jan. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/tXDwj>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- MOURA, Nando. Mamãe Falei x Gustavo Lázaro – PAL TININDOMMM. *Canal do Nando Moura*. 25 ago. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/wiyCp>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- MOURA, Nando. Resposta ao Monark e ao Brasil Paralelo. *Canal Nando Moura*. 21 fev. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/ifxqZ>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- PORTAL DO JOSÉ. *Canal Portal do José*. 2014. Disponível em: youtube.com/@portaldojosé. Acesso em: 30 abr. 2025.

Referências

- ALVES JUNIOR, Dirceu. O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu. *Veja São Paulo*. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/4ITKAvf>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora UNESP, 1995.
- BRASIL PARALELO. Tudo Começa com uma Missão. *Brasil Paralelo*. 2024a. Disponível em: <https://bit.ly/4iCkbiL>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BRASIL PARALELO. A farsa das universidades federais | Rasta News. *Brasil Paralelo*. 2024b. Disponível em: <https://bit.ly/4iYxBGh>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BRINT, Steve. What if they gave a war...? *Contemporary Sociology: a Journal of Reviews*, v. 21, n. 4, p. 438-440, 1992.
- CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. São Paulo: Contexto, 2016.

- CURRAN, James. Repensar la comunicación de masas. In: CURRAN, James; MORLEY, David; WALKERDINE, Valerie (Eds.). *Estudios culturales y comunicación*. Barcelona: Paidós, 1998, p. 63-83.
- GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Marcio Moretto. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. *Em Debate*, v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017.
- GODOI, Rodolfo; DIMITROV, Eduardo. A construção de Paulo Freire como inimigo nacional. *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, p. 315-343, 2022.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- HARTMAN, Andrew. *A war for the Soul of America: a history of the Culture Wars*. Chicago: University of Chicago Press, 2019.
- HELENE, Otaviano. Por que agriem tanto nossas escolas e universidades públicas? *Jornal da USP*. 24 out. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/eteJs>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- HUNTER, James. *Culture Wars: the struggle to define America*. Nova Iorque: Basic Books, 1991.
- HUNTER, James; ZANON, Cássia. A guerra cultural contínua. *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, p. 22-62, 2022.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Editora Aleph, 2014.
- MELO, Teixeira Vireira de; VAZ, Paulo. Guerras culturais: conceito e trajetória. *Revista ECO-Pós*, v. 24, n. 2, p. 6-40, 2021.
- MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: o dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. *El País*. 13 set. 2017. Disponível: <https://encurtador.com.br/GeJtQ>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- MENIN, Assis Felipe; PEDRO, Joana Maria. A escola, o gênero e os embates com o neoconservadorismo "restaurador". *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, p. 291-314, 2022.
- MORI, Letícia. Por que tantos evangélicos defendem Israel? *BBC News Brasil*. 27 fev. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/vsQfZ>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- SMITH, Christian et al. The myth of culture wars. *Newsletter of the Sociology of Culture*, v. 11, n. 1, p. 7-10, 1996.
- PAULA, Leandro de; DUMAS, Caroline; PIMENTA, Fernanda. Políticas e guerras da cultura: filtros de investimento público como "pós-censura". *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, p. 269-290, 2022.
- PAULO JUBILUT. Por que a procura por Universidades Federais está caindo? *Paulo Jubilut*. 03 jul. 2022. Disponível em: <https://abrir.link/vmCUo>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- PEREIRA, Carla; SPIZZIRRI, Giancarlo; ABDO, Carmita Helena Najjar. Fatores biológicos, psicológicos e situacionais da dor durante o intercurso anal em pessoas anoreceptivas: revisão de literatura. In: Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana: prazer, quem é você? *Anais...* Campinas: SBRASH, 2017, p. 1-1.
- RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. *Análise de redes para mídia social*. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- ROCHA, Anderson Alves; SILVA, Priscila Kalinke. A centralidade da cultura para os estudos em comunicação. *RELACult: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 9, n. 2, p. 1-22, 2023.
- SOBRINHO, Wanderley Preite. Foco das campanhas, YouTube é dominado por bolsonaristas, aponta pesquisa. *UOL*. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9DFbu>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- SILVA, Priscila Kalinke; CASTANHEIRA, Karol Natacha. As balbúrdias da universidade pública: do posicionamento do Governo Federal aos imaginários coletivos. In: SOUZA, Marcela Fernanda da Paz de; PORTARI, Rodrigo Daniel Levoti; FERREIRA, Dôuglas Aparecido (Orgs.). *Comunicação, tecnologia e sociabilidades*. Catu: Editora Bordô-Grená, 2021, p. 51-69.
- SILVA, Wainer Antônio da; MORAES, Renato Almeida. Direita e esquerda no pensamento de Norberto Bobbio. *Agenda Política*, v. 7, n. 1, p. 168-192, 2019.
- STEFANONI, Pablo; FOLTRAN, Luiza. O que querem os libertários e por que deram um giro à extrema direita? *Políticas Culturais em Revista*, v. 15, n. 1, p. 181-218, 2022.
- UOL. Apoiadoras de Bolsonaro vão para manifestação com bandeira de Israel: "Somos cristãs como Israel". *UOL*. 25 fev. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/cgVVH>. Acesso em: 30 abr. 2025.